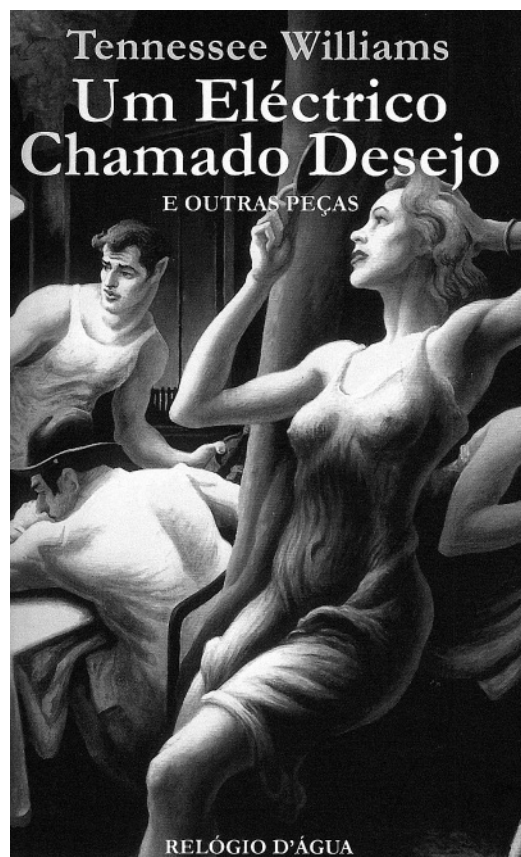


# A escrita como desejo

Ana Campos



Tennessee Williams, *Um eléctrico chamado desejo e outras peças*, tradução de Helena Briga Nogueira, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2009, 357 pp.

As quatro peças que constituem este livro, *Gata em telhado de zinco quente* (*Cat on a Hot Tin Roof*, 1955), *Subitamente, no Verão passado* (*Suddenly, Last Summer*, 1958), *Verão e fumo* (*Summer and Smoke*, 1947) e *Um eléctrico chamado desejo* (*A Streetcar Named Desire*, 1947), configuram a maior antologia traduzida da obra dramática do autor publicada em Portugal até hoje, curiosamente coincidindo – no mesmo ano – com a reedição de outra importante antologia de trabalhos de Tennessee Williams, mas desta vez de pequenos contos, intitulada *A noite da iguana e outras histórias* apresentada por Gore Vidal e publicada pela Assírio Et Alvim. Esta é também a primeira edição de que há registo de uma tradução em livro, em Portugal, de *Gata em telhado de zinco quente*, o que só por si revela muito da pertinência da publicação num ano em que foram levadas à cena três peças do autor: *Peça para dois*, pela Barraca, *Jardim zoológico de cristal*, pelo Ao Cabo Teatro e ainda *Um eléctrico chamado desejo* no Teatro Nacional D. Maria II.

Tennessee Williams sublimou na sua obra os fantasmas da sua própria infância e adolescência atormentadas. Sulista, criado no Mississipi, onde nasceu, e no Missouri, onde passou parte da infância e da adolescência, é nesses espaços que constrói o cenário para muitas das suas peças. É também à sua vida que vai retirar inspiração para a concepção recorrente de determinados tipos de personagens. A sua irmã Rose, a quem foi cedo diagnosticada esquizofrenia, foi, com autorização dos pais, sujeita a uma lobotomia que a incapacitou para o resto da vida, facto que Tennessee Williams nunca lhes perdoou. Rose terá sido a musa de personagens como Catherine Holly de *Subitamente, no Verão passado*, a quem a tia Violet quer, por meio de uma operação ao cérebro, silenciar o terrível segredo que ela poderia revelar sobre Sebastian, o filho de Violet. Foi possivelmente também a pessoa por detrás da figura de Blanche DuBois de *Um eléctrico chamado desejo*. Estas personagens foram imortalizadas no cinema e no nosso imaginário, respectivamente por Elizabeth Taylor, na adaptação de Joseph L. Mankiewicz (1959), e por Vivien Leigh, na famosa versão de Elia Kazan (1951).

A sua homossexualidade assumida – apesar dos problemas sociais que acarretou –, inspirou sem qualquer dúvida as figuras do alcoólico e atormentado Brick de *Cat on a Hot Tin Roof*, que, paralelamente ao casamento, cultivava uma relação próxima da homossexualidade com

Bem conhecido do público português, Tennessee Williams (de nome próprio Thomas Lanier Williams, 1911-1983) foi já levado à cena, de acordo com os registos da CETbase, mais de trinta vezes em Portugal desde 1957, quando o Teatro Popular de Arte / Companhia de Teatro Maria Della Costa [Brasil] apresentou no palco do Teatro Apolo *Rosa tatuada* numa encenação de Flaminio Bollini Cerri. Mas, mesmo em Portugal, e apesar desta constante presença em palco, é pelo grande ecrã que o autor norte-americano é mais conhecido, tendo sido transposto para o cinema (e para a televisão) inúmeras vezes, em todo o mundo, mas fundamentalmente em Hollywood. Foi, com efeito, recriado em cinema e em televisão mais de setenta vezes de acordo com os registos do Internet Movie Data Base, nomeado para o Óscar pelo Melhor Argumento por *A Streetcar Named Desire* (1951) e *Baby Doll* (1956), e recebeu ainda o Prémio Pulitzer por *A Streetcar Named Desire*, em 1948, e por *Cat on a Hot Tin Roof*, em 1955. Apesar de toda esta popularidade, a sua produção dramática tem sido publicada de forma esparsa e fragmentada entre nós.

Ana Campos  
é professora do ensino secundário e investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

>  
*Um eléctrico chamado  
 desejo,*  
 de Tennessee Williams,  
 enc. Diogo Infante,  
 TNDMII, 2010  
 (Alexandra Lencastre),  
 fot. Allípio Padilha.



um amigo com quem a sua esposa o trai, e que ficará para sempre na nossa memória pela interpretação de Paul Newman, na adaptação ao cinema de Richard Brooks, em 1958, ainda que nessa versão a temática da homossexualidade seja muito suavizada. O mesmo se poderá dizer de Sebastian de *Subitamente, no Verão passado*, obra produzida depois do início do processo terapêutico que trouxe à luz do dia muitos dos seus tormentos emocionais.

Esta recorrente adaptação ao cinema de obras suas deriva também do enorme sucesso que as peças obtiveram nas primeiras encenações. *Cat on a Hot Tin Roof* foi levada à cena em 1955, em versão diferente da que foi transposta para o cinema, numa encenação dirigida curiosamente também por Elia Kazan, no Morosco Theatre, na Broadway, recebendo o Prémio Pulitzer, assim como o New York Drama Critics' Circle e o prémio Donaldson. Esta peça foi levada à cena pela companhia do Teatro Monumental, com encenação de António Pedro, em 1959.

Enquanto isso, *Suddenly, Last Summer* estreou fora da Broadway, na York Playhouse, em conjunto com outra peça, também em um acto, intitulada *Something Unspoken*, garantindo a Anne Meacham o Prémio Obie para a sua interpretação de Catherine. Em 1959, surgirá a versão em filme com Elizabeth Taylor, Katherine Hepburn e Montgomery Clift.

*Summer and Smoke*, de 1948, intitulada inicialmente *Chart of Anatomy*, e revista, em 1964, com o nome de *Eccentricities of a Nightingale*, estreou em 1948, pelo Music Box Theatre, em Nova Iorque, mas o seu verdadeiro sucesso veio com a encenação de José Quintero, de 1952, que contou com a interpretação, entre outros, de Geraldine Page no recém-formado Circle in the Square Theatre o qual viria a dar início a um movimento off-Broadway. Esta versão foi transposta para o cinema em 1961 por Peter Glenville, e aí Geraldine Page voltou a interpretar a personagem de Alma. Em 1965, a peça é levada à cena

pela Companhia Portuguesa de Comediantes, com tradução de Costa Ferreira.

Por fim, *A Streetcar Named Desire* estreou na Broadway em 1947 e esteve dois anos consecutivos em cena no Ethel Barrymore Theatre numa encenação dirigida por Elia Kazan e contando com a interpretação de Marlon Brando que depois viria a representar novamente Stanley no cinema. Esta peça venceu o prémio Pulitzer para melhor drama, o Donaldson e New York Critics' Circle. Em 1952, a versão para cinema desta peça recebe o New York Film Critics' Circle Award. Será em 1963 que a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro leva este texto à cena com encenação de Henriette Morineau e tradução de António Pedro.

À excepção de *Verão e fumo*, as peças incluídas nesta antologia são sem dúvida as mais emblemáticas da obra do dramaturgo norte-americano. Parece-me, contudo, que a edição carece de uma nota explicativa dos critérios que presidiram à selecção destes textos, unidos evidentemente pela temática fortíssima do desejo, que Tennessee Williams soube trabalhar como poucos dramaturgos. A edição teria muito a ganhar também com um enquadramento de cada peça e dos textos do autor que antecedem algumas delas. Por exemplo, *Gata em telhado de zinco quente* é acompanhada de "Uma palavra ao leitor", texto do autor onde este apresenta a sua intenção, mas que surge desprovido não só de data como de qualquer indicação do contexto em que foi originalmente publicado. Também *Um eléctrico chamado desejo* é precedido por um artigo de Tennessee Williams intitulado "Sobre o sucesso de *Um eléctrico chamado desejo*", embora aqui seja indicada a sua publicação na secção de teatro do *The New York Times*, quatro dias antes da estreia desta peça. Nesse texto, o autor reflecte sobre o sucesso – enorme e súbito – que está a viver desde a estreia de *The Glass Menagerie* e que, de algum modo, parece ultrapassar as suas expectativas e determinar uma urgência de escrita. Todo este material, bastante útil, sê-lo-ia ainda mais se surgisse enquadrado, de forma a



<  
*Um eléctrico chamado desejo*,  
 de Tennessee Williams,  
 enc. Diogo Infante,  
 TNDMII, 2010  
 (Lúcia Moniz),  
 fot. Aílpio Padilha.

conferir-lhe coesão e contextualização histórica. A pertinência desta publicação fica assim aquém da importância que poderia ter pela falta de uma reflexão editorial séria sobre a antologia apresentada.

Centremo-nos, pois, nas diferenças qualitativas desta tradução relativamente às anteriores disponíveis: refiro-me a *Bruscamente, no Verão passado*, traduzido em 1964 por Rui Guedes da Silva, e a *Fumo de Verão* traduzido por Luís de Sttau Monteiro em 1962, já que a única tradução disponível em língua portuguesa de *A Streetcar Named Desire* é brasileira, data de 1976, e é difícil acesso em livro. Como o próprio título indica, a primeira destas traduções assume claramente o facto de ser uma leitura necessariamente subjectiva da peça. De facto, a opção pelos advérbios "subitamente" ou "bruscamente" não é irrelevante: a opção por "bruscamente" implica uma tomada de posição sobre os factos ocorridos naquele Verão, inesperados, é certo, mas de uma brutalidade chocante. Nesta tradução, Rui Guedes da Silva preocupa-se, como vemos, em fornecer ao público português uma versão actual de um texto recente e muito marcante da dramaturgia mundial, fazendo-o preceder da indicação da data da estreia em teatro e respectivo elenco, anotando o facto de a peça não ter sido até então levada à cena em Portugal.

A tradução parece-me surgir assim com um intuito deliberado de propor uma possível encenação, ao contrário da versão brasileira de Helena Briga Nogueira em que a tradutora parece limitar-se a traduzir sem apresentar qualquer reflexão crítica sobre a obra.

Também a versão de Sttau Monteiro, logo desde a apresentação da temática da obra na contracapa do livro "Drama repassado de tragédia, que põe frente a frente dois seres que se amam de maneiras totalmente opostas – ela idealista e ele sensualmente apaixonado – *Fumo de Verão* é uma angustiante ilustração de eterno conflito entre a carne e o espírito", propõe assumidamente uma versão do texto original marcada pelo crivo do tradutor,

ele próprio um dramaturgo. Tanto assim é que faz preceder a sua proposta por uma nota sua onde analisa a obra do autor norte-americano, afirmando a dado passo:

Há em todas as peças de Tennessee – da *Battle of Angels* ao *Night of the Iguana* – dois elementos permanentes que explicam a sua obra e, em grande parte, o próprio teatro americano dos nossos dias: o egoísmo feroz das personagens entregues de alma e coração a um *pursuit of happiness* puramente individual e a constatação, afinal, de que as personagens estão tão longe dessa *happiness* como o estavam no início da peça." (Monteiro 1962)

*Fumo de Verão* de Sttau Monteiro é também uma recriação literária do texto original. Nesse texto ainda, Sttau Monteiro apresenta a sua leitura da história, analisa a construção das personagens, questiona as opções do dramaturgo, inscreve os assuntos das questões em debate na América de então, defende a sua concepção de teatro, explicando assim ao leitor o texto que se irá seguir. Esta é portanto uma edição crítica que inclui também as notas do autor para a encenação. Esta breve comparação conduz-nos inevitavelmente à questão essencial: a versão proposta pela Relógio D'Água, ainda que pertinente, muito teria a ganhar se fosse acompanhada por uma real preocupação não apenas em apresentar informação mais apurada, como também em avaliar literariamente os textos inscrevendo-se assim no trilho iniciado pelas traduções precedentes.

#### Referências bibliográficas

- MONTEIRO, Luís de Sttau (1962), in WILLIAMS (1962).  
 WILLIAMS, Tennessee (1962), *Fumo de Verão*, trad. Luís de Sttau Monteiro, Lisboa, Publicações Europa-América.  
 — (1964), *Bruscamente, no Verão passado*, trad. Rui Guedes da Silva, Lisboa, Editorial Presença.